

Etnografia da performance: estudo sobre o jazz nos bares de São Paulo

MODALIDADE: PÔSTER

Marcus Vinicius Scanavez Ramasotti Medeiros de Almeida
Universidade Estadual de Campinas – marcus.almeida.guit@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma alternativa para o estudo da performance musical. Tendo como objeto o jazz tocado em bares de São Paulo, pretende-se realizar uma etnografia da performance, tendo como referenciais o entendimento de Música enquanto performance de Nicholas Cook, a Antropologia Musical de Anthony Seeger e a Antropologia da Performance desenvolvida por Victor Turner e Richard Schechner. Embora a pesquisa esteja em andamento, é possível detectar características de *communitas* e situações de conflitos e liminaridades entre os participantes dessa performance.

Palavras-chave: Música Popular, Etnografia, Performance, Jazz.

Ethnography of Performance: a study about jazz played in São Paulo

Abstract: This paper aims to present an alternative to the study of musical performance. Having as object the jazz played in bars in São Paulo, we intend to conduct an ethnography of performance, having as reference the understanding of music as performance of Nicholas Cook, the Anthony Seeger Musical Anthropology and Anthropology of Performance developed by Victor Turner and Richard Schechner. Although research is ongoing, it is possible to detect features of *communitas* and liminality situations among participants that performance.

Keywords: Popular Music, Ethnography, Performance, Jazz.

1. Etnomusicologia como alternativa para o estudo da Música enquanto performance.

O estudo da performance em Música, conforme observou Cook (2006), esteve, durante muito tempo, limitado à ideia de que o trabalho do instrumentista era executar as orientações presentes na partitura com o máximo de precisão. Desse modo, o intérprete instrumentista deveria debruçar-se em seu instrumento, aprimorando ao máximo o controle sobre esse, a fim de, ao receber uma partitura, ser capaz de compreender todas as informações ali presentes e executá-las da maneira mais precisa possível. Seguindo essa linha, Cook acrescenta: “a ideia de que a performance é essencialmente reprodução e, conseqüentemente, uma atividade subordinada, senão redundante, está inserida na nossa própria linguagem” (Cook, 2006, p. 6).

Em contraponto a essa visão, Cook propõe uma abordagem onde a ênfase esteja no processo e não no produto. Em suas palavras, a “dimensão performática” da música deveria se sobrepor. Assim, o “processo” (a performance) não deveria ser visto como sendo

subordinado ao “produto” (a obra musical). Seguindo essa linha, conclui: “compreender música enquanto performance significa vê-la como um **fenômeno irredutivelmente social**, mesmo quando apenas um indivíduo está envolvido” (Cook, 2006, p. 11, grifo nosso).

Aqui, o autor procura ampliar a visão sobre o que é música enquanto performance, transcendendo o universo estritamente sonoro. Para isso, enfatiza a “dimensão irredutivelmente social” da performance. Nesse contexto, uma análise musical focada unicamente nas relações entre notas e ritmos não seria suficiente. No entanto, e faz-se necessário esclarecer, Cook não despreza o papel do compositor, e sublinha: “enfatizar a dimensão irredutivelmente social da performance musical não é negar o papel da obra do compositor, mas sim constatar as implicações para o nosso entendimento do que vem a ser esta obra” (Idem).

Em suma, o que o autor pretende enfatizar é que Música é uma arte de performance e que, para pensar nela como tal, devemos refletir a maneira como a conceituamos.

Nesse momento, o que se busca é uma alternativa para o estudo da Música enquanto performance. Para Cook, a vertente dos estudos contemporâneos da performance que melhor esclarece a relação entre o pesquisador e o fenômeno pesquisado é a **etnomusicologia** (Cook, 2006, p. 13). E acrescenta:

a etnomusicologia, desde o início, se distanciou do modelo de observação impessoal e síntese que caracterizava o campo de estudo que havia precedido, a musicologia comparativa. Ao invés disso, a etnomusicologia enfatizou a necessidade dos trabalhos de campo, entendidos como um prolongado período de residência junto à cultura em questão. Durante este período, as práticas musicais são observadas no seu contexto cultural, adquirindo-se uma compreensão da visão local.

[...] Resumindo, este trabalho de campo enfatiza a *participação* pessoal na geração de significado em performance que é a música (Cook, 2006, p. 13, grifo no original).

Com esse diagnóstico, Cook acaba por aproximar o estudo da performance musical da Antropologia. Paralelamente, o diretor norte americano de teatro e teórico da Performance Richard Schechner-, desenvolveu boa parte de seu pensamento juntamente com o antropólogo escocês Victor Turner. Juntos, diretor de teatro e antropólogo desenvolveram as bases do que se chama Antropologia da Performance. Sobre essa parceria, Dawsey relata:

Um dos momentos mais expressivos para se pensar o surgimento da antropologia da performance ocorre nos anos de 1960 e 1970, quando Richard Schechner, um diretor de teatro virando antropólogo, faz a sua aprendizagem

antropológica com Victor Turner, um antropólogo que, na sua relação com Schechner, torna-se aprendiz do teatro. (Dawsey, 2006, p. 17)

Sobre a aproximação entre Teatro e Antropologia, Schechner é direto:

Quer os praticantes e acadêmicos de ambas as disciplinas gostem ou não, há pontos de contato entre a antropologia e o teatro: e provavelmente há mais pontos surgindo. Estes pontos de contato são até o momento seletivos – apenas um pouco da antropologia toca um pouco do teatro. Mas quantidade não é a única, ou mesmo a mais importante, medida de fertilidade conceitual. Esta mistura vai, penso eu, ser frutífera. (Schechner, 1985; Fiori, 2011)

Em sua argumentação, Schechner destaca seis pontos de contato entre Antropologia e Teatro. Embora o autor se refira ao teatro de maneira específica, não é difícil perceber que a aproximação com a Antropologia se estende às artes performáticas em geral, incluindo a Música. O próprio autor utiliza exemplos de diferentes áreas em sua argumentação. Sem aprofundar o assunto, seguem os seis pontos de contato entre Artes Performáticas e Antropologia (Schechner, 1985; Fiori, 2011):

1. Transformação do Ser e/ou da Consciência;
2. Intensidade da performance;
3. Interações entre audiência e performer;
4. A sequência da performance;
5. A transmissão do conhecimento performático;
6. Como as performances são geradas e avaliadas.

2. Antropologia Musical

Retomando a discussão levantada por Cook, que propõe a etnomusicologia como alternativa para o estudo da performance, a Antropologia Musical apresentada por Anthony Seeger aparece como um caminho viável para o estudo da Música. Em seus trabalhos, Seeger faz questão de realçar a diferença entre a antropologia da música e uma antropologia musical. Segundo o antropólogo/músico, enquanto a antropologia da música traz para o estudo da música os conceitos, métodos e preocupações da antropologia e, com isso, olharia para a música como uma parte da cultura e da vida social, uma antropologia musical olha para a maneira como uma performance musical cria muitos aspectos da cultura e da vida social. Para Seeger, em vez de estudar música *na* cultura, uma antropologia musical deve estudar a vida social como uma performance (Seeger, 1987, p. xiii). Com base nisso, Seeger coloca:

Música é muito mais do que apenas sons capturados por um gravador. Música é a intenção de fazer algo denominado música (ou estruturado de maneira parecida com o que *nós* denominamos música) em oposição a outros tipos de sons. É

a habilidade de formular sons aceitos por membros de uma sociedade como música (ou seja lá como eles denominam esses sons). Música é a construção e o uso de instrumentos para produzir som. É o uso do corpo para produzir e acompanhar os sons. Música é a emoção que acompanha a produção, a apreciação e a participação em uma performance. Música é também, obviamente, o próprio som depois que eles são produzidos. Ainda, é a intenção, tanto quanto a realização; é emoção e valor tanto quanto estrutura e forma. (Tradução nossa)

É importante notar que essa definição de Música remete a algo mais amplo do que se costuma estudar nos departamentos de Música. Ao afirmar que Música é muito mais do que apenas sons, mas é a intenção tanto quanto a realização, e a emoção tanto quanto estrutura e forma, Seeger abre espaço para diferentes análises do fenômeno musical.

Seguindo essa definição, o autor acrescenta todo tipo de situação que, direta ou indiretamente, se relaciona com o que “*nós* denominamos música” (grifo original). Sob esse ponto de vista, uma performance musical sofre interferência de diversos elementos, desde a produção de instrumentos, passando pelo uso do corpo para produzir e acompanhar os sons, até a participação em uma performance musical, seja como músico ou plateia.

Nesse momento, é possível estabelecer uma conexão entre Seeger e Cook. Ao olhar para a Música em uma perspectiva mais ampla, considerando-a “muito mais do que apenas sons”, Seeger, não apenas propõe uma Antropologia Musical, como também fornece elementos para que a performance seja compreendida enquanto um fenômeno “irredutivelmente social”.

Segundo Seeger (Seeger, 2008, p. 238), certas características seriam comuns a todas as performances musicais. Como exemplo, ele cita o fato de os músicos passarem por um longo treinamento em alguma tradição musical. Além disso, a música que esses músicos executam deve ser “significante o suficiente para justificar a eles e à audiência o tempo, o dinheiro, a comida ou a energia utilizada no evento”. Seguindo esse raciocínio, Seeger conclui que, independentemente da cultura ou da tradição musical, deve existir um tipo de interação entre os *performers* e a plateia: “eles se comunicam entre si por meio de sinais para coordenar a performance”. Para Seeger, a base da etnografia da música é formada pela descrição desses eventos, onde o fato de que sempre existirá uma próxima vez aponta para a tradição, e o fato de que a próxima vez nunca será igual à anterior para a mudança.

3. Análise da performance: etnografia em bares de jazz

Para investigar a performance musical, enfatizando seu caráter social, a etnografia da música aparece como uma solução bastante coerente. Enquanto os estudos que se limitam ao som costumam se dedicar à transcrição musical, ignorando, em muitos casos, a interação

entre os sons com os *performers* e sua plateia, a etnografia da música corresponde a uma abordagem descritiva da música, que vai além do registro escrito dos sons, apontando para o registro escrito de como os sons são concebidos, criados, apreciados e como influenciam outros processos musicais e sociais. Resumidamente, nas palavras de Seeger, “a etnografia da música é a escrita sobre as maneiras que as pessoas fazem música” (Seeger, 2008, p. 239).

Assim como Seeger (e por que não acrescentar Cook?), Feld também busca compreender de que maneira as performances musicais ajudam a construir a vida social. Ou, nas palavras do próprio Feld, compreender as “estruturas sonoras como estruturas sociais” (Feld, 1984). Para isso, Feld acredita piamente que a abordagem para analisar a “vida social dos sons” (“*social life of sounds*”) deve ser qualitativa e derivada de intensa pesquisa de campo. O autor coloca:

enquanto a minha firme convicção é de que a base para comparação da vida social de sons deve ser qualitativa e derivada de intensa pesquisa local, eu também acredito que essas comparações podem ser enquadradas em domínios gerais que não simplificam as dimensões culturais específicas de cada realidade sociomusical. (Feld, 1984, p. 185-186).

Desse modo, o que é proposto aqui, é uma etnografia da performance de grupos de *jazz* em bares da cidade de São Paulo. Além disso, propõe-se também uma análise dos dados com base nos pontos de contato apresentados por Schechner. Assim, acredita-se ser possível compreender de que maneira se constroem as relações entre os participantes desse tipo de performance.

4. Performance como técnica de pesquisa

Depois de compreender a música enquanto performance (Cook), buscar referências na Antropologia da Performance (Turner e Schechner) e definir o referencial etnomusicológico a ser utilizado (Seeger e Feld), resta equacionar de que maneira essas partes se encaixaram. Em outras palavras, é preciso buscar uma maneira de fazer uma etnografia da performance. O próprio Seeger (Seeger, 2008, p. 253) fornece algumas pistas:

Performances podem ser analisadas pelo exame sistemático dos participantes, sua interação, o som resultante e fazendo perguntas sobre o evento. No início, as questões são aquelas feitas por qualquer jornalista: *quem* está envolvido, *onde* e *quando* acontece, *o que*, *como* e *por que* está sendo executado e *quais* os seus efeitos sobre os *performers* e a audiência. (Seeger, 2008, p. 253. Grifos no original)

Seeger observa que algumas dessas perguntas podem ser respondidas simplesmente com o pesquisador sentando tranquilamente em uma mesa do bar. Por outro lado, o trabalho do pesquisador é muito mais do que isso. É preciso conversar com pessoas

em outras mesas, saber suas opiniões, o que acham dos músicos, do bar ou da performance. Os músicos também possuem uma percepção do que acontece na performance, mesmo que nem sempre estejam dispostos a falar. Mais ainda:

nem os músicos, nem a audiência são as únicas pessoas envolvidas na performance. Existem os administradores dos negócios, administradores do transporte, os donos dos clubes noturnos, os engenheiros de som, bombeiros, policiais, recepcionistas e seguranças. Todos eles possuem uma perspectiva do evento que pode ser muito instrutiva. (Seeger, 2008, p. 255)

Além disso, é preciso observar que entrevistas podem levar a um longo caminho para uma análise, sendo que algumas das questões mais importantes devem ser respondidas por meio da interpretação das respostas. Questões como *por que* as pessoas participam de eventos musicais, *quais* suas motivações e *qual* o significado do evento para ela, são difíceis de serem respondidas, mas são as mais interessantes. Nesse caso, o pesquisador precisará ter sensibilidade para fazer as perguntas de maneira clara e, mais ainda, para interpretar as respostas.

Aqui, o fato do pesquisador ser músico, instrumentista e *performer* representa uma vantagem. Além de ter o acesso facilitado, o diálogo com os músicos e demais participantes também se torna mais direto. Até mesmo a análise dos dados devem ser influenciadas. Soma-se a isso, a oportunidade de o pesquisador poder atuar como *performer* e utilizar essa experiência em seu trabalho. Sob esse aspecto, John Baily (Baily, 2008, p.121) vai mais além, e defende a performance como técnica de pesquisa. Para ele, a literatura etnomusicológica ainda é pequena em trabalhos de pessoas que tenham aplicado essa abordagem. Para Baily, Blacking (1973) foi o primeiro a pesquisador utilizar a performance como técnica de pesquisa. Depois, outros trabalhos seguiram essa linha, podendo ser citados Koning (1980), Rice (1994), além dos próprios Feld (1982) e Seeger (1987). Sobre essa questão, Baily é direto:

Tal abordagem poderia conectar etnomusicologia com as preocupações recentes da musicologia tradicional e a performance musical, e, particularmente, com as relações entre análise e performance. [...]

A fim de maximizar plenamente os benefícios oferecidos por se envolver com esses temas, no entanto, **precisamos de etnomusicólogos que sejam performers talentosos das músicas que estudam.** (Baily, 2008, p. 117. Grifo nosso, tradução nossa)

Para terminar, Seeger conclui:

A performance musical possui aspectos fisiológicos, emocionais, estéticos e cosmológicos. Tudo isso está envolvido no por que pessoas fazem e apreciam certas tradições musicais. Uma etnografia da música deve estar preparada para tratar desses aspectos - mesmo que poucos autores o tenham feito. Algumas análises se concentram na influência fisiológica, outras na tensão emocional liberada

através da música, outras tratam da correlação social e outras dos efeitos das crenças cósmicas no interior da tradição. Provavelmente, todos estão envolvidos seja qual for a tradição”. (SEEGGER, 2008, p. 260)

5. Primeiras conclusões

Embora a pesquisa esteja em andamento, é possível adiantar algumas conclusões (ou seriam impressões?). Valendo-se dos conceitos de *communitas* e de liminaridade desenvolvido por Turner (1974), é possível perceber que o ritual de performance de jazz em bares de São Paulo constroem relações à margem da estrutura social.

Durante as entrevistas realizadas até o momento, que incluem músicos, plateia, proprietários de bares e responsáveis pela programação musical, um tema bastante frequente entre os entrevistados, e que é abordado de diferentes maneiras, é o do “respeito”. Entre os músicos, por exemplo, existe a sensação de se sentir respeitado pelos proprietários de bar e as condições que estes oferecem. Isso compensaria os baixos cachês pagos. Por outro lado, muitas vezes o comportamento do público, que conversa durante as apresentações, é visto como falta de respeito por esse mesmo músico.

Essa situação também pode ser vista do ponto de vista da liminaridade. O músico popular encontra no bar um espaço para apresentar sua arte, mas não se conforma com o comportamento do público que, muitas vezes, permanece conversando e desinteressado na música. Aparentemente, o músico desejaria estar em uma sala de concerto, ou que a plateia se comportasse como se estivesse em uma sala de concerto. Esse conflito não é resolvido durante a performance e leva a outro tema bastante recorrente nas entrevistas que é o da “balada”. Enquanto os proprietários e gerentes dos espaços enxergam a performance como parte de uma “balada” ou “festa”, os músicos parecem não terem sido cuidados e se sentem desrespeitados por esse ambiente festivo e informal. Para o músico, a performance é entendida como um evento estético e cultural, e não uma balada.

Referências:

- BAILY, John. “Ethnomusicology, Intermusability, and Performance Practice”. In: STOBART, Henry. *The New (Ethno)musicologies*. Toronto, The Scarecrow Press, Inc, p. 117-134, 2008.
- BLACKING, John. *Venda Children’s Songs: A Study in Ethnomusicological Analysis*. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1973.
- COOK, Nicholas. “Entre o processo e o produto: música e/enquanto performance”. *Per Musi*, Belo Horizonte, n.14, p.05-22. Este artigo foi publicado primeiramente em inglês como “Music and/as performance” em *Music Theory Online*, v.7, n.2



- (2001; <http://mto.societymusictheory.org/issues/mto.01.7.2/toc.7.2.html>), 2006.
- DAWNSEY, John C.. “Turner, Benjamin e Antropologia da Performance: O ligar olhado (e ouvido) das coisas”; em *Campos - Revista de Antropologia Social*, Vol. 7, Nº 2 (2006), p. 17 - 25. <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/index>.
- _____. “Victor Turner e Antropologia da Experiência” em *Caderno de Campo*, n13: 163 - 176, 2005.
- FELD, Steven. “‘Flow Like a Waterfall’: The Methaphors of Kaluli Music Theory.” *1981 Yearbook for Traditional Music*, 13:22-47, 1982.
- _____. “Sound Structure as Social Structure”, em *Ethnomusicology*, Vol. 28, nº 3, pp. 383-409 (<http://www.jstor.org/stable/851232>). University of Illinois Press; Society for Ethnomusicology, 1984.
- KONING, Jos. “The Fieldworker as Performer.” *Ethnomusicology* 24/3:417-29, 1980.
- RICE, Timothy. *May It Fill Your Soul: Experiencing Bulgarian Music*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- SEEGER, Anthony. *Why Suyá sing. A musical anthropology of an Amazonian people*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- _____. “Etnografia da música”. In: *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 17, p. 237-260. Tradução: Giovanni Cirino, 2008.
- SCHECHNER, Richard. “Points of contact between anthropological and theatrical thought”. In: *Between Theatre and Anthropology*. University of Pennsylvania Press, 1985. Copyright Richard Schechner, reprinted with permission. First appeared in *Between Theater and Anthropology* 1985. University of Pennsylvania Press. Traduzido por FIORI, Ana L. de. Publicado em *Cadernos de Campo*, São Paulo, nº 20, pp. 213-236, 2011.
- _____. *Performance Theory* (edição ampliada de "Essays on Performance Theory", 1988, nova revisão 2004).
- TURNER, Victor W.. *O processo ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- _____. *From Ritual to Theatre. The Human seriousness of Play*. New York: PAJ Publications, 1982